

FISIOPSIKOLOGIA NIETZSCHIANA: UMA NOVA INTERPRETAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE PRAZER E DESPRAZER

1) AUTOR: FABIANO FREITAS PINTO; 2) ORIENTADOR: CLADEMIR LUÍS ARALDI;

1) UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - fabiano.psi@hotmail.com

2) UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

À primeira vista, pode parecer um exagero verbal dizer que a psicologia acaba se configurando como um procedimento imprescindível para a compreensão da filosofia nietzschiana, mas basta lermos sua autobiografia *Ecce Homo*, onde o autor conta a si próprio sua vida, para rapidamente percebermos a relevância do tema, uma vez que ali Nietzsche se autodenomina o primeiro grande psicólogo da história e coloca em relevo a singularidade e aprimoramento de sua psicologia para aquilo que é mais enigmático e profundo em nossa realidade existencial, a saber, a dimensão dos afetos. Contudo, contraditoriamente, mesmo com toda a ênfase tributada ao tema por parte do autor, por muito tempo a questão da psicologia nietzschiana foi abordada de forma secundária por estudiosos clássicos de sua obra (Karl Jaspers, Eugen Fink e Martin Heidegger, por exemplo) postura esta que predomina até os anos de 1950 quando Walter Kaufmann publica *Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist*. Com efeito, a terceira parte desta obra faz ver que Nietzsche insiste no uso dos afetos e vincula o extermínio destes ao enfraquecimento da vida. Entrementes, o texto traz a figura do homem de rapina César Bórgia exatamente para destacar a força contida no âmago deste saudável monstro. Dado o exposto, neste trabalho investigaremos a forma com que Nietzsche interpreta a relação entre prazer e desprazer em consonância com a dinâmica da vontade de potência.

2. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, realizamos uma leitura de viés crítico imanente sobre os últimos escritos de Nietzsche e sobre seus fragmentos póstumos, buscando conciliar uma leitura que respeitasse os movimentos de cada obra e situasse as citações contextualmente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em aforismo que encerra o primeiro capítulo de *Para além de bem e mal*, Nietzsche declara que “Toda a psicologia até o presente permaneceu prisioneira de prejuízos e apreensões morais”, uma psicologia que, segundo sua compreensão, “não se arriscou nas profundezas” (NIETZSCHE, 2002, p. 29). Nesse contexto, propõe uma nova psicologia livre de preconceitos morais: “psicologia enquanto morfologia e teoria do desenvolvimento da vontade de potência” (*Morphologie und Entwicklungslehre des Willens zur Macht*) a que chama fisiopsicologia (*Physio-Psychologie*). Vinculado a essa nova psicologia, o filósofo oferece nova luz à relação entre prazer e desprazer ao afirmar que o prazer é uma excitação, uma curva ascendente, ao passo que o desprazer expressa o encontro com uma resistência, uma curva que representa uma diminuição de potência, no entanto, ainda que apresentada nessa configuração, o autor não deixa dúvidas ao destacar que o desprazer é um ingrediente necessário a toda atividade. Sobre o que entende por prazer e desprazer, escreve:

O prazer é uma espécie de ritmo na sequência de ínfimas dores e suas relações de grau, uma excitação por meio de uma rápida sequência de potenciação e suspensão como na excitação de um nervo, um músculo e, em geral, uma curva que se move ascendentemente... O desprazer é um sentimento que se dá ante um impedimento: porém, posto que a potência pode chegar a fazer-se consciente só quando se apresentam impedimentos, assim o desprazer é um ingrediente necessário de toda a atividade... (NIETZSCHE, 2008a, p. 585).

Desse modo, ao sublinhar que a “vontade de potência busca resistências, desprazer”, tendo-se em vista que existe “uma vontade de dor no fundo de toda vida orgânica” (NIETZSCHE, 2008a, p. 585), Nietzsche coloca em evidência que o “prazer nada mais é do que uma excitação do sentimento de potência por meio de um entrave”, assim como também mostra que nessa excitação está “incluída a dor” (NIETZSCHE, 2008a, p. 774). Entretanto, sustenta o autor que não “é a satisfação da vontade que é causa do prazer”, mas que o “sentimento de prazer reside justamente na insatisfação da vontade, a saber, no fato de ela não se satisfazer sem adversário ou resistência” (NIETZSCHE, 2008b, p. 389). Assim, vinculando o prazer ao crescimento de potência e o desprazer ao sentimento de não poder resistir e dominar, pergunta Nietzsche:

Se a essência mais íntima do ser é todo crescimento de potência, se o prazer é todo crescimento de potência e desprazer todo sentimento de não poder resistir e dominar, não temos, então, o direito de colocar prazer e desprazer como fatos cardeais? É possível a vontade sem essas duas oscilações de sim e não? Mas quem sente prazer? Quem quer potência? Pergunta absurda: se o próprio ser é ‘querer potência’ e, por conseguinte, sentir ‘prazer desprazer’ (NIETZSCHE, 2008b, p. 534)

Nesses termos, o autor mostra que se o prazer está vinculado à superação da resistência, ao consequente aumento de potência, e a dor está incluída nesse processo, sendo o desprazer o sentimento de não poder resistir e dominar, então a dor não é o contrário do prazer e “vemos assim que o desprazer atua como um ingrediente do prazer” (NIETZSCHE, 2008b, p. 594), de tal modo que prazer e dor não são coisas inversas.

4. CONCLUSÕES

Assim, a partir da nova psicologia proposta no § 23 de Para além do bem e do mal, Nietzsche propõe uma compreensão outra no que diz respeito à forma de pensarmos a relação entre prazer e desprazer ao afirmar que eles não são opostos, que tanto um como outro são meros fenômenos concomitantes e que em nossa busca incessante por aumento de potência o desprazer pode configurar-se como estímulo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NIETZSCHE, F. **Além do Bem e do Mal**. *Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

_____. **Fragmentos póstumos (1882-1885) (Vol. III)**. Edición española dirigida por Diego Sánchez Meca. Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A.), 2008a.

_____. **Fragmentos póstumos (1885-1888) (Vol. IV)**. Edición española dirigida por Diego Sánchez Meca. Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A.), 2008b.